



...Não quero contar

(MONÓLOGO)

Dile-se factos na vida tão sérios
Que é preciso negros guardar;
Eu no entanto registo misterios
Fóra o mais que não quero contar!

Outro dia, retumbada e ruidosa,
Vi o Juiz na escala beijando
A formosa mulher de Nabuco
Quando eu vinha de fárm chegado.

Nada disse : não sou astuciosa,
Mas sómente me pus a lembrar :
Coladinho do pobre marido,
Fóra o mais que não quero contar!

Baixou Antonio com lábia e malgrije
Tendo ar de mal suartado
A dentinha esmurrando andá á Alice,
Sempre os olhos preguiços no chão....

Tome a mão bem cautela e cuidado,
Nada se deixe por contas levado.....
Pois afirmava que o padre dominado,
Fóra o mais que não quero contar!

A Gundoca do Zé Sinerando
Pela prima cunhada já está !
E os dois já se escondem, urinando
O tal jogo de Tempo verá

Que esse jogo traria semelhecezes
Bem se podia seu mérito julgar.....
Esperando talvez novas mexez
Fóra o mais que não quero contar !

Moga baixa, gentil, feliciora,
Dona Laura Tavares Relem,
Namorando amiga o Juca Ferreira.
Que ainda sempre sou ter um vintém !

Era por isso esfuzio que cogito
Quem se a moça com elle casar
Ha de ver o que é bom e bonito,
Fóra o mais que não quero contar !

Um sujeito bilhenta chapado
Faz nel festas no alho do Zé,
Parem ele que lousa esfuzio
Porque acoisa outro ramo terá.....

Pois ollumbo do Zé para a espôsa
E' ali que desga chegar
Tanto pôlo a manobras raptosa,
Fóra o mais que não quero contar :

Dona Rita que é velha guitarra
A nanguim nuns provoca num tenta.
Trinta sosses diz ter a cavaleira
Mais ha muito pa-sou em sequentia !

E não falta sujeito que diga
Que a velhota dança caçar,
Mas uluguen se sujeita a esan espiga,
Fóra o mais que não quero contar !

Dona Dulce vivia bem nova
Cheira ainda o Ventura, o fumado
Qas transquila é la fúr para a roya
No principio do anno passado !

E acordada à lembrança o Ventura
Ela jura não mais se cansar.....
Mas é falso porque entro procura,
Fóra o mais que não quero contar !

Que aminhado já tenho bastante
Os sentidos de certo dirijo.....
Vou-me embora, pôla, já neste instante
Que a platéa tem toda a ruza !

Antes disso, porém, atenção..
Em desço nill palmas levar,
Pois odio e detesto o lucro,
Fóra o mais que não quero contar !

PAR PANTINO.

PAIO COM OVOS

(Entre Joaquim e Leonor, cantados hostis)

— Que feiticeiro, Leonor, és minha
cunha !

— Toda tua, Joaquim, e tu és meu !

— Todo teu, meu anjo, daí eu um
beijo.

— Até traz... meu amor, quando qui-
reces... mas olha que eu não gosto de
beijos...

— Já sei disso, mas agora não se trata
d'outra coisa. Vamos nos traz... beijos.

— Pronto ! v... um... dols... traz...

— Chega, chega, estou satisfeita ; nati-
tas mulheres nem os tres... daí aos seus
maridos. Agora vamos a outra coisa...

— Uf ! o que é que estás fazendo,

Joaquim !

— Tu gostas de paio !

— Eu gosto. Joaquim ! isso com ovos
é muito bom ; para mim não ha coisa
melhor.

— Então tu, Leonor, pelo que estás
dizendo, tens comido muito paio ?

— Trucho comido, tenho. Joaquim ;
desde a idade de oito annos até agora
não pôi gostava muito de mim, mas agora
só me dava coquinhas boas ; todos os
dias devia-me paio com ovos.

— O que é que estás dizendo, Leonor,
meu tudo é veridico ! ...

— Não te rianges, meu hem, isto é
tudo mentira... estou brincando comigo.

— E logo vi, meu anjo... daí eu mais
um beijo...

AMOR PERPLEXO.

SOCIO

— CONHECIMENTO. — Offere-
ce-me um conhecimento, quer
meu amor, quer meu parente, ou quem
precisar dirigir-me a C. M. P., no
scriptorio disto folha 6 calha
n.º 180

(Do J. do Camarote do 16.)

O tal amanuense bilheteiro
— Nada tem de extraordinario
Se tiver muito dinheiro,
Tem sede o commanditário ;

O raro diverso fam
Se sia fossa essa marmarino...
Mas segredo de secraria
Miliar fax melhor arranjo !

A. C.

cheia de esperanças e de sonhos... que
era feito dela ?
Como o mundo era enganador e
vão !

Alli estava, sem aquella alegria que
fôra o encanto da mocidade, a mirar-se
desoladamente no seu antigo espelho,
— o mesmo que virá o seu rosto quinze annos e que via agora a sua
angustia, povoada de rugas e de cabelos
brancos !

Pobre espelho !
Que as recordações não se despar-
tavam illi, n'aquelle pedaço de cristal,
encolodrado em vinilicato !

Quem a visse d'antes a visse agora !
Ah ! que diferença !

Bons tempos aquelles !

E as recordações de um mocidade
vinham todas, unhas primeiro, outras
depois, n'um excesso pressuroso a lhe
invadir o coração d'aquelle assadade
longa... — pobre sandeada da infância que
já não achava abriga no coração de
muito angustiado, toda tomada d'aquelle
dô. E, no espelho, os seus olhos ma-
cerados iam vendendo a longa devastação
do tempo, que passara por sobre o seu
rosto como um tufo desbragado, por
sobre petais frageira de um rozeiral em
flor.

Alli estava !

Era aquella, que ella via no espelho
a Affonsina de d'antes, do tempo do
papá e do collegio ? Não, não era pos-
sível !

Aquelle espelho mentia !

E a pobre senhora foi procurando
sorrir, querendo dar ao seu rosto de
soldado aquella alegria de pura orga, aquella
mesma alegria que lhe fizera o encanto,
quando ainda por sobre ella não tinha
passado a espônia destruidora dos
concoito e a receber as parabens dos
amigos.

Alí estava aquella pobre senhora,
n'houa tão folgaz, a se maldizer da
sorte e remoer cada qual o profundo
des... o malor, o mais terrível que
a sua curta intelligencia podia ima-
ginar.

Ah ! belles tempos !

Como se tinham de Belli mecidida,

assos, nem a pesada curva do Di-



PERIGO !!

O Conselheiro Góis
Que ja consegue esconder a sua
Cronaca, ha quasi uns mes.
Com uma mulher de fata
E que tem momento
Deserto annos de fata.

Por todos comunitado imediatamente
E com severidade
Foi esse esconderia.

Logo depois de unido o Conselheiro,
Sem perda de um momento,
O Conselheiro fui a um afastado
Escolhido do nome consultar.

— Franquia veridiana,
Sabeverde, meu donair, o diga...
— Estas, por que esconder ?

— Estou casado
Com uma mulher, palavras, de chusma,
Bom e mau, crua, crua.

— Bem ! presta,
Foste fruta e diseasez
Se alguma espônia passou ter alinda
De um herdeiro arranjado o meu casamento.

— Minha é que
— So elle for nova, como disse, a fata,
Porém recelos é que deve ter.

BRAZ PATIFAL

UM D por um C

A gentil Bili Machado
Soube um dia que em franez
P'm se dizer - obrigado
So ditz - meret - certa vez

Em que a bella nona saiba
Passeiher com Calino,
Proposital jogar an chão
O tempo cheirou a fata.

O rapaz sem mais aquella,
So aguia, apurca-o, e amare,
Endireitando a espinhela,
Entregava o dom adoravel.

E logo no mesmo instante
Responde a bella Bibi,
Com um sorriso provocante :

— Señor Calino, meriti.

RAH RUDINHA DE MACACO.

— A nôo posso para a milha perna,
Para a perna ! Oh ! que pedago de ban gozo ! E
depois ?

— Depois a nôo ai seu padre, nôo
vi mais nôa... nôa... nôa !

— Não visto mais nôa. Ah ! que his-
toria interessante ! que bilheta de ra-
pas ! como foi a serm bem representada...
como... Oh, seu sacrificio traga
uma vacuna... venha varrer o com-
fisionario !

ARMANDO SACRAMENTO.

Condannado au celibato
Jejua é sua siña
Frai Fidelis necessita
Tousi sempre Vermouthina.

Motuo-continuo

AO GUIMRE

Desperdi. Ven raiado e madragada
E la, bon vê que em juncos chega a hora
O sol ja resplandecido inverte a fata
Ei prelo ! parir, queridin assaud

Beijate a face, a cutia maturada,
Ela perdeu a maturada
Adens ! Ha muell suo noite a noite
Are a noite, intida desco fada
Parto tribonha e com um az sozinho,
O teu merito que é guarda matrino
So de dia te guarda e te conforta...
De nôo em quanto randa pelas ruas
En gau as graxas, as belicas fata...

Este dormida a beira d'uma portaria...

PAB PAULINO.

CHROMO

Faz um presente o Pitombo
Aos filhos do Zé Medina :

— Ao Zé den ele seu pombo,
E uns pombos a Carolina !

— Mas o Lulu, da vizinha
Que é um rapaz espigado,
Rebou a bella pombo
Sabiudo pelo telhado !

O Juiz em pranto exclama,
Venho a fata de maulha :

— Mamãe, o Lulu rouba
A pomba de minha irmã !

PAB PAULINO.

Oh !

Vijando una bello dia
N'um bond, onço charme :

— Psi ! psi ! conductor,
O bond quem parar,

P'r a mi e p'm outro lado
Eu olho e m'no de maura,
E vejo bonita moça

Com una gorda senhora.

Haviam só dois logares,

Um li no banco primeiro

E outro também mais longe
No banquinho de derredore.

Tinham assim que seguir

Uma das duas distante

Pois esperar outro bond

P'r elas era conveniente.

Diz a belha para a fata,

Muito e muito indiferente :

Eu tomo e p'go detrás.

E tomas tu li a frete.

FRIKI TUPY.

gosto tinha ainda escurecido o céu da
sua felicidade.

Ah ! o sorriso d'agora era um sorriso
macerado, era uma caixinha a rir ironi-
camente, grisalha e cheia de rugas, sem
o brilho no olhar sem a cor da face.
E deus olhos de D. Affonsa as lagrimas co-
mergaram a cahir abundantemente, como
a querer lavar a angústia d'aquele
belo rosto, agora todo mergulhado em
pranto, e dor, todo tristeza e desgosto,
que lhe fôra nesse bello dia tão
alegre, tão risom e tão bon.

E D. Affonsa, deixando o espelho
onde mais triste lhe parecia o seu
rosto triste, onde o seu riso forçado
lhe parecia uma ironia forte, veio
sentar-se ao lado, entregue toda a
afrumadora preocupação que a des-
solava.

Alli estava a que o seu destino a
tinha conduzido :

E, a maldizer-se, a pobre senhora
enxugava lentamente o pranto,
Dura e amarga velhice essa !

Quem lhe diria, tempos atraz, que
todo esse horror se desenrolaria sobre a
sua cabeca, assim fatalmente, natural-
mente, como uma causa que tinha
de ser a que se não pode evita ? E

pisco a pouco as reminiscencias de sua
mocidade vívida à tonsa, dando um
triste contraste àquela desolação de
africa.

Lembrava-se doda desesa casamento...

Havia já vinte e cinco annos.

O Ambrosio, seu novo, de casaca e
luvas brancas, muito affectionado, muito
contente, sentado no sofá, a lhe sorris
constantemente.

Muitos convidados na sala, e o papá,
muito atarefado a falar, com o mestre
do concerto e a receber as parabens dos
amigos.

Lembrava-se doda desesa casamento...

Havia já vinte e cinco annos.

O Ambrosio, seu novo, de casaca e

luvas brancas, muito affectionado, muito

contente, sentado no sofá, a lhe sorris
constantemente.

Bom e santo papá, já Deus o le-
vara, ha dez annos, n'uma noite
chuvinha, victimâa de uma pneumonia
dupla.

Ah ! como ella se lembrava de tudo !

Fora uma desolação e o Ambrosio,
muito triste, vestido de luto, ia fata
a procurar no medico, julgando que ainda
fosse possível alongar a vida ao papá.

Fobr para !

Lá estava no Caju, sob a lousa mar-
morea que o seu amor filial mandara
arranjar.

E as amigas de D. Affonsa, zinda
mais abundante, lamenhando
completamente o lezão que ella passava
e rejeassava como a ver se exgotava
aquele terrível constante.

Antes da morte do papá a vida lle
bien ; mas tendo o velho fechado os
olhos, tambem para elle se fecharam a
alegría e a calma. As suas reminis-
cências voltavam, como uma saudade
amarga d'quelle bello tempo que fôra,
tudo differente d'esse outro que veia, tão
cheio de amarguras e desabores.

Lembrava-se da infancia, do seu
correto, da escola, da directora, das
amigas...

Um tropel de recordações deixava-a
exhausta, a chorar perdidaamente sobre o
lito, unico depositario da sua dor.
Como fôra bello o seu tempo de col-
égio !

Lembrava-se de tudo.

Era um casarão enxadrado, na rua
Direita, com janelas para o Arsenal de
Marinha.

A directora, uma bella moça de vinte
e cinco annos, muito bonita, >assessada,
sempre de vestido de seda, estimada
muito, chamava-lhe D. Affonsina,

As collegas eram muito boas ; sarco-
teavam no recreio e faziam do 2º andar
currontonas aos aspirantes.

Bello tempo !

Uma vez um guarda-marinha de bi-
goes e muitas espinhas no rosto, lhe
mandara uma carta, longa epistola de
amor, que começava melostamente

assim: «Meu bem... » Mostrava a carta
das amigas ; fôra um pagode ! Todas

leram a mistura amorosa, que ao fim
da semana estava escura e rota de tanto

ser lida. Não respondera, as amigas

acessaram a capa melostamente, e o
guarda-marinha saiu em voo, pas-
sando e repassando no pateo, até que

um dia a Manuela, uma desesperada,
gritou-lhe do 2º andar :

— Lá está o meu bem !

O rapaz escondeu-se e nunca mais
apareceria. Contudo depois que tinha

embarcado na corveta *Nichery*, fu-
gindo à troca das mentiras do collegio

e indo amargar no mar alto o grande

crime de ter escrito uma carta de amor.

Pobre Men bem ! Como parecia ges-
tar d'ela ! E lá fôra, mas em fata, com
o coração angustiado, amaldiçoada

talvez o pouco caso de ingratiagem.

E D. Affonsa, pensando n'aquelle

cousa distante, acabava por ter um

horror extraordinário à vida, uma forte

vontade de deixar de viver, acabar ali

de qualquer maneira, contanto que não
mais a perseguissem aquellas torturas

constantes...

(Continua)



SPORT



DERBY-CLUB

O homem é invencível; entra o que por onde quer, nem que nenhuma lhe peça costas.

Novo negocio

Diferente de um comandante para um negócio de senhoras etc.

Um dia de 19.

Mas que negócio é de senhora? P'ra o qual só quer comanditá-lo? Vamos já ver que é demora.

Um novo conto do vigário?

Ah! já sei, é negócio novo.

Deixar promete muita tona.

Querendo dar por fogo um pôa.

Mulheres p'ra tomar café.

PITTIAC.

Concurrencia

Havia sentindo que morava no interior da sua Tia n.º 110, aliás dos quatro dessa mulher.

O Comércio é 10.

Vou proponer-me concorrente Aos quatro dessa mulher.

Pois que são, é vós correte,

Muito boa p'ra se... viver.

PITTIAC.



Dialogo em uma estação postal:

Um laço, de ar paci, apresenta um emprego uma carta já estampillada.

— Está bem assim?

O empregado, depois de haver verificado o peso:

— Não. Tem peso demais: preciso de outro sello.

O rapaz, absolutamente apavorado:

— O meu rico senhor, com outro sello

indú mala passada vai ficar!

TOURNEIO DE BILHAR

O comandador Zazinha, gabava-se de ser balli jogado de bilhar e dizia mesmo que nunca tinha encontrado quem o batesse.

Uma noite, escondendo de visita em casa de Barão das Torres, voltaria a conterça em jogo e o novo comandador, sehou mais uma vez occasião para cair de se do que sabia, mas como a Zazinha, muller de barro, também soubesse jogar, desfez o comandador, para uma partida em cincozeno pontos.

— Pois, não, minha senhora, retece quinto o comandador, essa noite gosta.

Eu gosto muito de jogar com as damas.

Como o barro enfadou com um amigo nessa occasião uma partida de xadrez, não podia resistir ao desafio, dos dous, que se encantaram para o salão de bilhar.

Uma hora depois, na mesma occasião que o barro, terminava a sua partida, entrou na sala onde se achavam jogando o barro e o amigo, Zazinha que vinha muito alegre, e o comandador que vinha meio surdo.

— Sabes, meu irmão, diz Zazinha, o comandador sempre achou que o vence no jogo. Apabu de dar-lhe uma nova em roga.

— E verdade, diz muito triste o comandador, unicamente! Sr. Barro, que sua senhora fosse tão bono na face! Enquanto em fiz uma feliz vez... paradas.

O barro e mais o amigo, calharam no pôlo do comandador, que esta vez em cavacada mala c'va a sua derrota. Zazinha querendo o consolo veio em seu auxilio.

Mais, fanden, allo admirava que o comandador perdeu contigo, pois a nossa idade é muito diferente... O comandador já se sentava o nome n'num e eu ainda estava nos meus vinte e oito... ja venceu... O comandador toga bona, isso lá é verdadeiro... mas... o seu tacô está muito fraco... não tem força para lucar...

Dra. BURDO.

CARTA ABERTA

A. H. V.

N'estes verões que se arre

O' seca' um espinhola

Apenas quer provar-

Com o seu corpo consola-

Quando o calor dos teus bellos

Lurde' me' corrução

São lues, e tantos os desejos...

Que me vêm a inquietação,

Que para os poder saciar

Unico meio decretivo

E' nosso coro' que...

N'uma moltada de Outubro...

MARQUELITO.



Continua aberta esta secção. Daremos em cada número duas versões que devem ser glossados pelos concorrentes, obtendo como prémio, aquelle que melhor collocar, giver um livro de versos.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervalo de um numero, sendo as glossas recebidas até a véspera da publicação no numero antecedente.

Para o motte:

Milica fogia de conta

Que bona, que bona, meu priminho!!

Recebemos as seguintes glossas:

O Manoel Antônio Gó

Disse um dia a sua prima:

Permita que...

Milica fogia de

Que já estamos na ponta
Como fomos casalhudos.
Um ou outro elegodinho...
Diz elas: «o que Manuel ?
Gorando o dia de mal ?
Que bona, que bona, meu priminho!!

Faz Tucu.

O dia feliz desponta
Em que estaremos casados...
Em doce alvoroçado
Milica fogia de conta.
Tá assim vosa n'uma ponta.
Mas p'ra o céu venha de marinhos...
Chuva d'amor e carinho...
Tá assim vonda dia desse:
«Em p'ra não posso me ter,
Que bona, que bona, meu priminho!!

PAC. PAULINO.

Em Villa Nova de Goiânia

(Quando em finha pôr idade)

Exclamou: «mias sem madrugada.)

Milica fogia de conta.

Que não está magrinha na ponta

Do seu fôto volta-a-volta.

Elas ento: «que tal aminho ?

Sem responder, só apertou

Tá a hora que suspirou.

Que bona, que bona, meu priminho !!

LAVIANES.

Diana no céu desponta

Elas digo p'ra Emily, a santa

Neivazinha que me encanta :

Milica fogia de conta.

(A minha amêndoa desconta)

Que eu já sou seu marinhinho,

E, depois, da juntinha,

Tendo os joelhos doridos,

Só curi estes gemidinhos:

«Que bona, que bona, meu priminho !!

HARRINHO DE MACACO.

Vamos ver se ficas tonta

Com o que eu quero fazer:

Escusas de medo ter,

Milica fogia de conta.

Que sou um coelh' e meus,

Mas, cuidado, com perinho..

Aos poucos, desgaranhos.

* Posso andar em disparada ?

* Pidessim, tou bono mon...ta...da...

Que bona, que bona, meu priminho !!

DR. JUNIOR.

Já que elle é ginja e não monta

N'um dia fogoso curvel

(Dirá a Aranha Morel).

Milica fogia de conta...

Mas, amor, já 'tou encanga...

Qual o que fiz gestinho...

Assim, — uns bocadinhos...

N'issa entra q' prima, e por traz

Pôe-lhe a mão no rosto...zás !

Que bona, que bona, meu priminho !!

DR. SULLY.

Como um bolina que affronta

Perigos uns bolinhos,

En lhe disse com coragem,

Milica fogia de conta.

Q' é mega perfeita e prompta

Para gozar sua carinho.

E começou de mordinho

Mas pôr o ôn' já fangava,

E' n'ella mesmo intrinqui:

«Que bona, que bona, meu priminho !!

GUIMARÉS.

Bem sei que não se assentanta

Um dia tão pequenino,

Acabei o meu felino...

Milica fogia de conta.

Que é o que filhinho... oh ! que tonha...

N'issa dia, o meu felino

Não é pôr o carinho.

Porque logo em morde...

E' n'ella q' é lambendo...

«Que bona, que bona, meu priminho !!

K. B. GOMES.

Arre ! tudo te ame'nta !

Tudo, tudo te arreia !

E já não dissesse outa dia

— Milica fogia de conta.

— Que isto o que agora s'prompta

Para cozeres, bocanha,

E' um gosto frutinhos !

Como que invades de ver...

Se você não veiu dizer:

«Que bona, que bona, meu priminho !!

K. B. GOMES.

Vê o gangarr' pôr monta,

Não temus medo do giro !

Que vies no Reino de Cyo.

— Milica fogia de conta.

Corraste os olhos de tonta !

Vae desmarai — adiuviho !

— Vejo tudo em turvelinhos...

— No entanto, dinto um bom...

Que prima mens olhos vam !

«Que bona, que bona, meu priminho !!

SA. BARRETO.

O Juru' cabeça tonta,

Disse uma vez a pequena

Depois da ver certa ase:

— Milica fogia de conta...

A col' é a pouca monta...

PI. PAULINO.

Vai lá para o seu quartinho

E' nas tabus conte do ninho.

Ela fui, — é genidinho:

«Que bona, que bona, meu priminho !!

MATREIRO.

Mostrei lhe o fisco de ponta

Ela com medo gritou,

Porém deprei o beijon...

— Milica fogia de conta.

Quem vive é um solim...

Ela é só eu s'vintu,

Do seu beijo mandinho...

Sorrir se vintu a matraca

Ela é só o beijo...

Ela é só o beijo...</p

